

O grupo de pesquisa Estudos Interdisciplinares em Saúde, em sua linha de pesquisa Saúde da Criança e do Adolescente, desenvolve estudos acerca das relações familiares e das diferentes formas de violação de direitos contra a criança e o adolescente. Através do trabalho de pesquisa, tem como objetivo aprofundar a compreensão destes temas, bem como subsidiar intervenções na área das políticas públicas para a infância e a adolescência, com enfoque nas questões de violência, sexualidade, paternidade, parentalidade, entre outras.

Este grupo desenvolve projetos relacionados a adolescentes em situação de rua e em medida de proteção em Instituições de Acolhimento Institucional, trabalhando temas relacionados ao vínculo estabelecido entre crianças, adolescentes e suas famílias.

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia



Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde

Coordenação:

Psic. Sabrina Dal Ongaro Savegnago

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSM

Profª Drª Dorian Mônica Arpini

Departamento de Psicologia da UFSM

Programação visual:

Psic. Sabrina Dal Ongaro Savegnago

Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde

Departamento de Psicologia

Rua Floriano Peixoto, 1750, 3º andar. CEP: 97015-372. Santa Maria – RS

Tel: (55) 3220-9231

Email: grupo-infancia-adolescencia-e-politicas-
publicas@googlegroups.com

C766 Conversando sobre sexualidade na família / [coordenação de Sabrina Dal Ongaro Savegnago e Dorian Mônica Arpini,]. Santa Maria : UFSM, CESH, Departamento de Psicologia, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, 2012.
20 p. : il. ; 21 cm

Inclui referências.

1. Psicologia 2. Sexualidade 3. Comportamento social 4. Adolescência 5. Família I. Savegnago, Sabrina Dal Ongaro II. Arpini, Dorian Mônica

CDU 159.922.1
316.62

Ficha catalográfica elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB-10/1733
Biblioteca Central da UFSM

Referências citadas

- ¹ Takiuti, A. D. (1997). A saúde da mulher adolescente – 1993. In F. R. Madeira (Ed.). *Quem mandou nascer mulher?* estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil (pp. 213-290). Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.
- ² Rappaport, C. R. (1993). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU.
- ³ Cano, M. A. T., & Ferriani, M. G. C. (2000). A família frente à sexualidade dos adolescentes. *Acta. Paul. Enf.*, 13(1), 38-46.
- ⁴ Levisky, D. L. (1995). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ⁵ Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*, 4(1), 79-106.

Referências indicadas

- Abramovay, M., Castro, M. G., & Silva, L. B. (2004). *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil.
http://media.wix.com/ugd/33522a_a9a6987e701842f68b7e8dcd83ad9235.pdf
- Pereira, J. L. et al. (2007). *Sexualidade na adolescência no novo milênio*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-reitoria de Extensão.

Considerações Finais

Um dos motivos pelo qual é tão difícil conversar abertamente sobre sexualidade é o fato de que esse tema é cercado por uma grande carga emocional e por vários preconceitos, mitos e tabus.

Para os pais, a sexualidade pode estar vinculada a algo vergonhoso, o que pode ser apontado como uma herança da época em que estes vivenciaram sua própria adolescência, já que, para eles, muitas questões de sua própria adolescência ressurgem neste período⁴. O olhar sobre a sexualidade do filho adolescente possibilita que os pais redimensionem e resignifiquem suas próprias experiências relacionadas à sexualidade. Além disso, as conversas com seus filhos podem ser incômodas devido ao fato de que eles podem re-experienciar suas próprias dúvidas e angústias adolescentes referentes à sexualidade⁵.

Nesse sentido, é importante que os pais, mesmo não tendo a resposta ou não encontrando a palavra “certa” para se comunicarem com os filhos em relação à sexualidade, estejam abertos para acolherem o tema.

Destaca-se ao final a importância de que os pais busquem possibilidades de diálogo, que procurem os serviços disponíveis na comunidade que possam auxiliar ou aliviar as angústias referentes ao tema. Nesse sentido, é importante deixar claro que o tema da sexualidade dos adolescentes deve ser um tema presente nas diferentes políticas públicas voltadas para a família ou diretamente para os adolescentes, pois como tão enfaticamente colocaram as adolescentes participantes da pesquisa, a sexualidade demanda curiosidades, angústias e o desejo de saber *sobre* estará presente.

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia

Conversando sobre sexualidade na família

Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde

Sumário

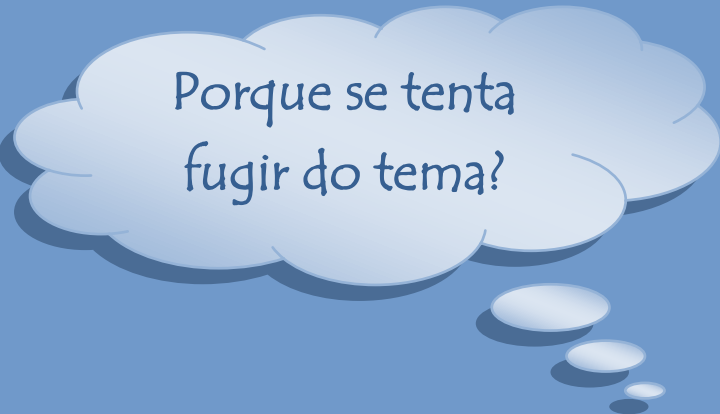
Apresentação: Conversando sobre sexualidade na família.....	05
Por que é difícil falar?.....	06
De que forma se fala sobre isso?.....	08
Quando falar?.....	10
O que falar?.....	12
Quem fala?.....	13
Por que falar?.....	14
Porque se tenta fugir do tema?.....	16
Considerações	
Finais.....	18
Referências.....	19



As meninas demonstraram ter curiosidade em relação a esse assunto e costumam realizar tentativas para que ele seja tratado na família. Porém, na perspectiva das adolescentes, nota-se que, diante destas tentativas, acontece uma “fuga” por parte dos pais com relação a esse tema.

O tema tem sido tratado na sociedade de maneira geral, por vezes até banalizado, o que pode muitas vezes confundir os pais com relação ao saber dos filhos sobre o assunto. Destaca-se que apesar do fato da sexualidade estar fortemente presente em diferentes contextos, esta presença ainda não resolveu as dúvidas das adolescentes com relação ao tema e, nesse sentido, os pais não estariam liberados de sua importante tarefa no tratamento do tema.





Porque se tenta
fugir do tema?

“A minha mãe não fala nada pra mim pelo menos... eu às vezes peço pra ela, ela muda de assunto...” (B, 14 anos)

“É, tipo quando a gente quer conversar e tipo, “ah não quero conversá sobre isso”, daí... tipo eu, quero conversar sobre sexualidade com a minha mãe, mas a minha mãe não fala isso comigo” (R, 13 anos).

“Eles fogem...” (F, 13 anos)

“Porque eu quero conversá e sempre eles fogem do assunto. Sempre, sempre, sempre! Eu: ‘Ah, mãe, não sei o que...’. ‘Não, não quero falá sobre isso!’” (R, 13 anos).

“Daí a gente (S e o pai) brinca bastante. Mas quando chega num certo assunto ele já me tranca: “Deu, acabou”.” (S, 13 anos)

Apresentação: Conversando sobre sexualidade na família

A adolescência é um período de mudanças profundas e bruscas, as quais são acionadas por uma interação de fatores biológicos, psíquicos, sociais e culturais. Assim, em um curto espaço de tempo, o adolescente se percebe diante de novas relações consigo mesmo, com seus familiares, com o ambiente no qual está inserido e com outros adolescentes¹. Uma das transformações mais significativas da fase da adolescência é o desenvolvimento da maturidade genital e a possibilidade do exercício da sexualidade².

Diante disso, é de fundamental importância que se aborde o tema da sexualidade com os adolescentes na família. Dessa forma, é válido refletir sobre quais fatores estariam influenciando na criação de obstáculos para esse diálogo³.

Este material informativo originou-se de uma pesquisa intitulada: “Conversando sobre sexualidade na família: o olhar de meninas de grupos populares”, sendo elaborado a partir das falas das adolescentes participantes do estudo. A pesquisa foi realizada junto a duas escolas de ensino fundamental da cidade de Santa Maria. Foram realizados grupos focais com meninas de 13 a 16 anos. Tal pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob o nº 0076.0.243.000-11.

Esperamos que este material possa servir como instrumento de reflexão, apoio, estímulo e orientação para mães e pais no que se refere ao diálogo sobre sexualidade com seus filhos adolescentes.

Agradecemos a contribuição das adolescentes que, com espontaneidade e sinceridade, compartilharam suas ideias, sentimentos e experiências, possibilitando a realização deste trabalho.

Por que é difícil falar?

“Eles pensam que a gente qué fazê tal coisa...” (B, 14 anos)

“O que vão pensar, né? Que já tá ali... [Risos] (...) Eles só pensam que a gente vai querer o pior. Eles já vão pensá: ‘Ah, já qué...’” (K, 14 anos)

“A gente fala e eles: ‘Ah, qué fazê!’. A gente quer só conhecê, sabe, ter informação pra se prevenir e alguma coisa. Não ficar sempre só no mesmo mundinho” (R, 13 anos)

“Então assim às vezes eu acho que eles acham que se falarem isso com a gente aí a gente vai ter vontade de fazer sexo” (T, 13 anos)

“Também eles dizem: ‘Não falo com ela hoje sobre isso porque senão ela vai fazer, porque vai ter aquele conhecimento’” (F, 13 anos)

As adolescentes apontam em suas falas que os pais têm dificuldades em falar sobre o tema da sexualidade.

Um dos aspectos importantes a serem levados em consideração nessas dificuldades é o fato de que para os pais as curiosidades podem remeter diretamente à prática da sexualidade e dessa forma o “não falar” pode ser compreendido com “não estimular”, “deixar quieto”.

Para além do temor de incentivar ou mobilizar a sexualidade, os pais podem ver com desconfiança as questões levantadas pelos filhos, considerando tais questões como um sinal de que o sexo já esteja sendo praticado, ou que as adolescentes tem interesse imediato em fazê-lo. Porém, as meninas apontam que, ao contrário do que os pais imaginam e temem, elas desejam no momento apenas saber, ter conhecimento sobre o assunto.

“Na verdade a minha mãe ganhou o primeiro filho dela com 15. É que a minha mãe disse, né, que com ela também aconteceu isso porque a mãe dela não chegô... ela perdeu a mãe cedo, né, perdeu o pai cedo (...) Eu acho que nessa parte aí nunca teve ninguém pra cobrá dela, né. Ela nunca teve ninguém pra falá com ela sobre isso” (K, 14 anos).

“Quero me conhecê. Quero sabê o porquê disso, o porquê disso e daquilo (...) eu quero sabê, eu quero descobrí, porque... a gente tem uma curiosidade...” (S, 13 anos)

Os adolescentes necessitam dialogar, conversar, ouvir e expor suas dúvidas, opiniões, críticas e ideias num ambiente marcado por compreensão, afeto e respeito. Tendo em vista que essa é uma fase de muitas dúvidas, salienta-se que estas devem ser ouvidas, debatidas e elucidadas com liberdade buscando superar os preconceitos e dificuldades. Caso contrário, elas poderão gerar ansiedades, angústias e frustrações, colaborando, dessa forma, para que a população adolescente se torne um dos grupos de risco mais vulneráveis aos problemas atuais ¹.

Existe uma preocupação dos pais com os filhos perante os problemas da sociedade atual. Porém, estes pais podem não se sentirem preparados para debater e conversar a respeito de questões relacionadas à sexualidade, por considerá-las delicadas de serem tratadas com os adolescentes. Dessa forma, isso frequentemente os torna distantes dos filhos. Além disso, pode-se pensar que alguns pais acreditam que os professores estão mais preparados que eles para trabalhar o tema da sexualidade com os adolescentes, delegando, assim, à escola a tarefa de abordar estes assuntos ³.

É IMPORTANTE QUE A SEXUALIDADE SEJA INCLUÍDA ENTRE AS TEMÁTICAS PRESENTES NO CONTEXTO FAMILIAR.

Por que falar?

“Porque se falasse os jovens de hoje teriam mais consciência sobre o que que é isso, sabe. Não teria várias jovens grávidas por aí, de 13, 14 anos...” (L, 14 anos)

“Na hora que tu for perdê ali, tu já sabe que a tua mãe te explicô, tua mãe te falô como é que é. Aí tu vai fazê tudo certinho, né, pra não corrê o risco de não acontecê nada de... que prejudique no amanhã, né” (K, 14 anos).

“E se os pais não conversam, começam a prendê em casa, tem uma hora que elas vão ter vontade e vão acabá fazendo escondido, algumas acabam, né, pegando uma barriga, como dizem, né, por falta de conversas. Às vezes por falta de conversa com a família em casa” (A, 14 anos).

Evidenciou-se que as adolescentes atribuem uma grande importância às conversas sobre sexualidade no contexto familiar, uma vez que destacaram que a ocorrência desses diálogos pode contribuir para diminuir a incidência da gravidez na adolescência, além de relatarem terem se recordado das recomendações dos pais na ocasião em se iniciavam sexualmente.

Salienta-se que a ausência de abertura para o diálogo a respeito do tema da sexualidade distancia pais e filhos e pode gerar um sentimento de desamparo nos adolescentes, uma vez que esse período já é por si só marcado por dúvidas, angústias e muitas transformações no âmbito da sexualidade.

“(...) acho que ela [a mãe] tem vergonha de falar isso comigo” (R, 13 anos)

“A gente fica com vergonha, né, são pais, sei lá...” (A, 13 anos)

“Vergonha, a gente tem vergonha também, né, de chegar e falar: ‘Mãe eu quero falar sobre sexo’. Ela fica com uma cara assim: ‘Ahm? O que minha filha?!’” (R, 13 anos)

“Com a minha mãe eu tenho vergonha, saio de perto. Só escuto, saio de perto, não falo nada, eu tenho vergonha” (N, 13 anos)

“Eu nunca conversei sobre sexo com a minha mãe. Eu sempre tive vergonha” (J, 16 anos)

“Alguma coisa lá atrás, ele talvez não se informaram. Talvez os pais não conversavam com eles e hoje eles não conversam com a gente... ou tem vergonha...” (L, 14 anos)

As adolescentes afirmaram que tanto elas quanto os pais sentem vergonha de conversar sobre questões referentes à sexualidade. Além da vergonha ser um dos fatores que impede que se fale sobre isso, há ainda o fato de que esses pais talvez não tenham tido esse tipo de conversa com seus próprios pais, o que poderia dificultar que eles tenham um diálogo aberto sobre sexualidade com seus filhos.

Falar sobre sexualidade vai além da simples transmissão de informações, pois demanda que os pais ultrapassem várias barreiras para alcançarem uma proximidade das experiências do filho adolescente e uma sintonia com o momento existencial pelo qual este está passando.

É importante destacar que os pais tem um papel fundamental na construção da sexualidade de seus filhos, portanto as dificuldades inerentes ao tema, embora presentes, não devem se constituir em um obstáculo que impeça que o mesmo seja conversado.

De que forma se fala sobre isso?

Segundo as adolescentes, muitos pais utilizam como estratégia para postergar a vida sexual dos filhos a imposição de medos e temores acerca do tema.

“Parece que eles querem botá medo, sabe? Depois querem que tu tenha medo, pra gente não fazê as coisa... Assim, pelo jeito que os pais contam as coisas, sabe, fazem um drama... dramatizam tudo... e daí tu vai pensando as coisas: Deus o livre tu beijá um guri! Não pode!” (S, 13 anos)

Além disso, na perspectiva das adolescentes, os pais intensificam e exageram as consequências da vida sexual a fim de frear a sexualidade dos filhos.

“Tipo, a minha prima, ela tava olhando televisão e ela viu cenas de sexo. Aí ela pediu: ‘Mãe, o que que é sexo?’ Aí a mãe dela disse: ‘Oh, se tu fizé isso as tuas pernas vão ficar tortas e tu nunca mais vai conseguí andá!’” (S, 13 anos)

(S, 13 anos): *Eu acho que eles (os pais) transformam...*

(R, 13 anos): *... uma coisa pequenininha em uma coisa grande.*

Quem fala?

“Se for gurria, vai sê a mãe. Porque quando tu começa a menstruar, a mãe te dá aquela base né antes. Ou o pai, depende do pai, quando o guri começa a gostá de uma gurria... ou... sei lá, começa a ficá com as gurias... aí tipo depende disso né” (T, 13 anos)

“É que assim ó, tipo a mãe é mulher, entendeu. Tu tem o mesmo corpo do que ela. Então ela vai te aconselhá, vai te explicá melhor que o teu pai” (S, 13 anos)

“O meu pai não fala nada. Ele trabalha de dia, chega de noite e vai dormí...” (N, 13 anos)

“Se eu conversá isso com meu pai... [Risos] Ele não deixa eu falá...” (A, 13 anos)

“Meu pai não gosta que fale de sexo em casa” (G, 15 anos)

Pôde-se notar que a mãe assume um papel importante quando se trata da abordagem do tema da sexualidade, uma vez que as meninas referiram-na como a pessoa da família mais aberta para conversar sobre este assunto. Enquanto isso, o pai é visto pelas meninas como alguém não disponível para o diálogo relativo à sexualidade, tendo este mais facilidade com os meninos.

As meninas entendem que é mais fácil conversar com a mãe do que com o pai, pois a mãe já passou pelas experiências que elas estão passando, como a ocorrência da menstruação, e assim saberia mais sobre “coisas de menina”.

O que falar?

“O máximo que a mãe me fala é: ‘Se tu for fazê alguma coisa, tu usa camisinha’ (...) A senhora camisinha... [risos]. É, o que eles mais falam... se previní...” (K, 14 anos)

“Ela [avó] começou a falar comigo a partir dos 13 (...) daí ela fala que tem que se prevenir, que tem que se cuidar” (S, 13 anos)

“Quando eu morava com a minha mãe, ela conversava bastante comigo... quando eu perdê, que era pra mim chegá nela e falá, que ela ia me levá no posto... Que era pra mim me cuidá, que era pra mim ir com a pessoa certa, com um trabalhador... como toda mãe diz, né” (N, 13 anos).

Observou-se a partir do discurso das meninas que os pais ainda não conseguem tratar deste assunto com as adolescentes de forma direta, voltada para as vivências das mesmas. Assim, quando os pais abordam o tema com as filhas, geralmente o fazem sinalizando principalmente para o uso da camisinha e para a importância dos cuidados para evitarem-se doenças e gravidez.

Considerando-se que o uso da camisinha foi o assunto relacionado à sexualidade mais abordado no contexto familiar das adolescentes, podemos pensar que o destaque dado a este assunto pode estar diretamente associado ao temor da gravidez das filhas, uma vez que esta se constitui numa das grandes preocupações dos pais, principalmente quando já existe história familiar de gravidez na adolescência.



Segundo as adolescentes, outra estratégia utilizada pelos pais diante da curiosidade sobre o tema da sexualidade é a narrativa de histórias tanto para explicar os fatos quanto para assustar os filhos e assim, temporariamente, barrar o exercício da sexualidade.

“A minha mãe me contava: Se tu beijava tu ia engravidá e daí se tu beijava assim, o homem tinha que comprá uma sementinha e pôr no teu umbigo pra ti ter um nenê, porque senão tu era condenada” (T, 13 anos)

“Ah! A história da cegonha ou a sementinha, que não sei o que... que enfiou a semente no umbigo, e daí tu nasceu da semente” (R, 13 anos)

“Até hoje a gente ouve essa história!” (F, 13 anos)





Quando falar?

“Eles acham que a gente não tá preparada pra saber das coisas do mundo real. Eles contam essas historinhas... pra gente não fazê as coisas (...) Só que, tipo eles tem a mentalidade assim que nós não tamo prontas pra quase nada...” (F, 13 anos)

“Ela [a mãe] diz que eu não tô pronta, que não sei o que, que não sei o que... aí eu acabo conversando com outras pessoas” (R, 13 anos)

“Ela [a mãe] acha que não é o momento pra gente conversá esses assuntos (...). Ela acha que é cedo pra gente...” (B, 14 anos)

“E daí tipo ela [avó]: “Esquece, sabe, espera que vai chegar a idade que a gente vai poder conversar” (S, 13 anos)

“Não, minha filha, depois, tu é muito nova pra isso [fala da mãe de R]” (R, 13 anos)

“E ela [avó] me disse: “Tá, quando chegar nos 13 eu converso contigo”” (S, 13 anos)

Segundo as adolescentes, os pais alegam que elas não estão na idade, não é o momento certo e que elas não estariam prontas para saberem sobre sexualidade. Dessa forma, os pais tentam postergar o momento em que precisarão abrir-se de fato para conversar sobre estas questões.

“Eu acho que eles só vão conversá com nós mesmo quando verem que a gente tá mais velho, com 17, 18 anos. Aí muitas vezes já é tarde, né” (K, 14 anos)

“Eles acham que a gente não tá preparada pra sabê daquilo. Mas a gente tá preparada. Tá chegando a idade, a gente tem que sabê disso. A gente tá na idade de sabê essas coisas” (E, 13 anos).

Assim, nota-se que os pais tentam determinar uma idade na qual as questões sobre sexualidade poderão ser esclarecidas. Dessa forma, percebe-se que os pais se utilizam da idade, e não do interesse das adolescentes, como referência para se falar sobre sexualidade.

Porém, as meninas sinalizam que este é o momento em que elas mais precisam desse espaço de conversação. Elas apontam ainda que, às vezes, o momento que os pais resolverem se abrir para isso poderá ser tarde demais.

Constatou-se também, segundo as adolescentes, que os pais tratam-nas como crianças e têm dificuldades de reconhecer que os corpos de suas filhas estão mudando. Porém, destaca-se que elas estão fortemente afetadas pelas mudanças vividas na adolescência, que alteram seus interesses, seus comportamentos e sua vida afetiva, de forma que a tentativa de postergar a entrada do tema na família não acomoda o desejo e a curiosidade sobre o assunto.